

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Dia (S.P.)

Class.: 333

Data 3 de maio de 1986

Pg.: _____

Série Morená: Os mitos indígenas para as crianças

É muito pouco o que, em geral, sabemos sobre os índios brasileiros. Várias pesquisas já conferiram que a imagem veiculada sobre eles na maioria dos livros didáticos, é distorcida, estereotipada e até encoberta - mente racista.

A escola é a principal responsável pela fixação das informações básicas que acompanham as pessoas pela vida afora, influenciando na visão, apreciação e atitude que terão com relação a eles.

de brasileira: os índios.

Vejam, para começar, o fato generalizado de que o tema "do índio" é introduzido nos currículos escolares quando se fala da "descoberta" do Brasil. Falar em "descoberta" é continuar a reproduzir a ótica do colonizador. Os índios, depois de cinco séculos sem serem ouvidos, finalmente, conseguiram, na atualidade, colocar sua voz nos espaços públicos, e reabrir o debate.

O próprio nome "índio", que lhes foi dado, indica como sabemos, um equívoco dos navegantes europeus, que até hoje ofusca o fato de que não se trata de um único povo, mas de centenas de povos que há mais de dez mil anos já moravam aqui. Quando os portugueses chegaram muita história já tinha corrido, tendo, inclusive, desaparecido culturas que já tinham atingido o apogeu do seu desenvolvimento, e que foram, em vários aspectos, comparáveis a algumas das grandes culturas antigas da América como de outros continentes. A cultura Marajó, correspondente a povos que ocuparam o baixo Amazonas, produtores de uma cerâmica elaboradíssima, que hoje nos surpreende pela sua delicadeza, originalidade e expressividade floresceu por volta do ano 1000 da Era Cristã, e quando os portugueses chegaram 500 anos depois, aparentemente já estava em decadência.

Mas a história oficial foi escrita pelos vencedores e seus continuadores. É a ótica dominante até hoje é eurocentrada, reducionista e generalizante.

Como a conquista aconteceu primeiro no litoral, habitado predominantemente por nativos, entre os quais se falava a língua Tupi, generalizou-se, então, a todo os outros povos existentes no Brasil, um elenco reducionista, de traços culturais tupis. E nós saímos da escola com uma visão de índios que moravam (no passado) em ocas e tabas, rodeadas de caixas, caçando com tacapes e zarabatanas e chefiados por morubixabas, além de comerem gente (brancos, como nós). A visão unitária centralizada do mundo que o colonizador cristão tinha, não permitia ver a diversidade original de povos e culturas. Essa situação não aconteceu somente no Brasil, como nos mostra a História.

Não se tem certeza, enfim, de quantos eram os diferentes povos que habitavam o território que hoje é o Brasil, no início da conquista. Foi calculado, entretanto, que eram 230 no início de 1900, e levantamentos mais recentes falam em 220 existentes hoje.

Contar a queda populacional dos índios, de 5 milhões para 5% desse total, implica em analisar as sucessivas fases que constituem a história da nação brasileira. Em todas elas houve contatos simpatéticos entre índios e não-índios, com troca bilateral de costumes, conhecimentos, técnicas, além de cruzamentos consanguíneos, aspecto muito destacado nos livros didáticos como constitutivo da cultura, nacionalidade e "raça" brasileira. O que não se menciona é a prática em todas as fases históricas, de massacres de índios, alguns amarrados ou autorizados por leis e governos, a escravidão e outras formas de dominação e exploração econômica, a imposição de formas de organização social e política, e de formas de expressão religiosa (por todo tipo de missão), a expulsão dos índios de suas terras, e expropriação e devastação das riquezas do seu meio ambiente. Epidemias de doenças contagiosas arrasaram grandes continentes de população nativa, que não tem defesas genéticas con-

tra elas.

A legislação indigenista atual, conhecida como Estatuto do Índio, garante a eles, entre outros direitos a posse permanente de suas terras e o usufruto exclusivo delas. Mas o órgão do Estado, encarregado de fazer cumprir as leis, é atrelado burocraticamente a um Ministério que concentra muitos interesses contrários aos dos índios. É por isso que a Funai é considerada impotente e até acusada de incompetente para resolver os conflitos. É por isso também, que os próprios índios estão se organizando cada vez mais e reivindicando para si o comando do seu destino.

Há também um outro aspecto que aflige os índios: dos estereótipos e preconceitos divulgados contra eles e que são utilizados como justificativa para a exploração e o abuso. Esses preconceitos fazem parte de uma ideologia à qual pertencem os conquistadores, os bandeirantes e mais recentemente pelos fazendeiros, colonos, população que circunda as aldeias, e por que não, dos próprios professores. A ideologia da acumulação de riquezas que leva ao viver para produzir e ao trabalho alienado. Difícilmente quem convive com esta ideologia terá condições de entender que não foi por preguiça, mas com a afirmação da sua liberdade e de sua dignidade que os índios constatarem as tentativas de submetê-los ao trabalho escravo. Eles então são chamados de "bugres", "brabos", "selvagens", "cruéis" e "vingativos", quando a memória de tudo o que perderam e sofreram os impulsiona a se defender e resistir.

Os índios são explorados como exóticos ou folclóricos quando tem a virtude de serem diferentes e originais. Promovem a exaltação da noção de integração que apague as diferenças.

Lembremos que os preconceitos e estereótipos começam a se cristalizar e a se fixar ainda na infância. É que se baseiam em impressões, conhecimento extremamente limitados e autoritários.

A Série Morená pretende mostrar uma das muitas formas de expressão criativa do índio brasileiro, com ênfase na arte verbal, que inclui os mitos e outros tipos de narrativa como a narrativa histórica, transmissão de pai para filho através de gerações e nas artes plásticas, onde os índios trabalham esteticamente a matéria do mito nos seus aspectos de forma, cor, textura, espaço e movimento.

Morená, para os índios Kamaiurá, é a terra mítica, o paraíso. É aí que mora Mavutsinim, o grande criador. A Série Morená vem mostrar os mitos dos índios às crianças, incentivando uma postura crítica como conquistada do cotidiano.

É composta pelos livros: "A Lenda do Guaraná", (mito dos índios Sateré-Maué), "Bacurau Dorme no Chão", (lenda dos índios Tucano), "O Menino e a Flauta", (mito dos índios Nambiquera) e "A Linguagem dos Passaros" (mito dos índios Kamaiurá).

O texto e a ilustração são de Ciza Fittipaldi, cada livro possui 16 páginas e custa Cz\$ 18,00. É mais um lançamento da Edições Melhoramentos.